

## **“MARCHA CONTRA O PECADO”: IMAGINÁRIO RELIGIOSO NA ASSEMBLEIA DE DEUS NA OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS**

Fábio de Sousa Neto<sup>137</sup>

### **RESUMO**

A proposta desse artigo seria abordar certas práticas percebidas no seio da Igreja Evangélica Assembleia de Deus durante a década de 1970, sobretudo, relacionadas à presença e ocupação de espaços públicos como ruas e praças. Tais ocupações apresentariam características marcantes tais como reuniões em massa à frente dos templos, desfiles cívicos religiosos que percorriam as vias públicas até o local das cerimônias de batismos e inauguração dos templos. Além disso, verifica-se outras representações indicativas da fruição do imaginário religioso como pano de fundo dessas ações e práticas. A pesquisa histórica aqui aventada possibilita compreender parte de algumas práticas religiosas aparentemente recentes na ocupação de espaços públicos como a denominada Marcha para Jesus, cujo fenômeno encontraria raízes profundas no imaginário religioso verificado tanto em termos de digressão temporal quanto na aproximação com o presente. Reivindica-se, portanto, que o fenômeno da Marcha para Jesus enquanto demonstração pública da fé encontra uma expressão aproximada e anterior no seio da Assembleia de Deus e alimentada pelo imaginário, algo possível mesmo antes do recorte temporal aqui adotado.

**Palavras-chave:** Assembleia de Deus; Imaginário; Prática; Marcha para Jesus.

### **INTRODUÇÃO**

As linhas abaixo pretendem anunciar parte de algumas reflexões quanto aos desafios que se apresentaram à pesquisa que vem sendo desenvolvida no mestrado em História Cultural, sobretudo, abordando as relações no campo religioso brasileiro na perspectiva das Assembleias de Deus. A principal fonte explorada foi por muito tempo um importante veículo de comunicação da AD<sup>138</sup>, trata-se de um periódico no formato de tabloide publicado desde 1930 conhecido como Mensageiro da Paz; além dessa

---

<sup>137</sup> Especialista em Teologia Sistemática – FASSEB. Discente do Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. [fabionetohistoria@gmail.com](mailto:fabionetohistoria@gmail.com). Graduado em História pela PUC-Goiás. É professor universitário.

<sup>138</sup> A partir desse ponto, o nome Assembleia de Deus será representado pela sigla AD e em sua forma plural por ADS.

fonte, outras obras relacionadas ao grupo serão apreciadas como a Harpa Cristã e a Bíblia Sagrada.

O problema que inicialmente tem desafiado a pesquisa se revelou na análise prévia das fontes aqui consideradas, constatando que seria possível perceber um conjunto de representações que por sua vez remetem à certas práticas do grupo. Tais representações podem ser elencadas na forma de discursos verbais e imagéticos sugerindo uma reivindicação ou ocupação dos espaços públicos sob uma orientação do imaginário religioso ou sob a orientação da fé. Portanto, o principal objetivo deste trabalho seria compreender as relações entre o imaginário e as práticas, sobretudo, entendidas na ocupação ou reivindicação de espaços públicos ou em demonstração pública da fé.

Ao falar de imaginário, não se pretende tratar a fé cristã professada e vivida na comunidade de fé como algo desimportante, inferior ou considerada de forma dicotômica em relação ao que seria racional ou real, esse não seria o sentido de imaginário adotado aqui. Sendo assim, opta-se para efeito da orientação teórica deste trabalho em considerar as incursões da História Cultural, mais precisamente utilizando as reflexões do filósofo francês Jean Jacques Wunenburger (1946 -). Para o autor, o imaginário pode ser compreendido como:

[...] um conjunto bastante flexível de componentes. Fantasia, lembrança, devaneio, sonho, crença não-verificável, mito, romance, ficção são várias expressões do imaginário de um homem, ou de uma cultura. É possível falar do imaginário de um indivíduo, mas também de um povo, expresso no conjunto de suas obras e crenças (WUNENBURGER, 2007, p. 7).

Portanto, é preciso pontuar que o imaginário não é concebido como algo desimportante, não seria uma antítese da racionalidade como bem anunciou Durand (1995) pois “não existe corte entre o racional e o imaginário, não sendo o racionalismo, entre outras coisas, mais do que uma estrutura polarizante particular do campo das imagens” (1995, p. 75). Logo, na perspectiva deste trabalho toma-se as fontes como veículos do imaginário, ao mesmo tempo expressando e conformando as práticas do grupo. O periódico Mensageiro da Paz é explorado e reunido em termos de intratextualidade e intertextualidade a outras obras produzidas ou utilizadas pelas ADS.

O que se percebe na análise prévia das fontes é que as práticas no campo religioso brasileiro verificadas na tentativa de demonstração da fé nos espaços públicos,

na ocupação de ruas e praças, sobretudo, relacionadas à Marcha para Jesus, não seriam tão recentes assim pois podem ser percebidas no seio da AD sob o recorte aqui adotado, insinuando, portanto, um movimento de digressão, inclusive, sugerindo uma extrapolação do recorte adotado na pesquisa. A diferença fundamental é que tais práticas seriam endógenas, não havendo no caso da AD qualquer aproximação com outros grupos religiosos em conexão com o caráter pluridenominacional da atual Marcha para Jesus.

Segundo Sant’Ana (2014) o evento que hoje faz parte do calendário nacional inicialmente seria um movimento de inspiração estrangeira com conotações políticas ganhando contornos nacionais e específicos somente a partir de 1993. Para a autora, o objetivo do evento seria a promoção dos evangélicos no cenário brasileiro, verificando que:

A Marcha para Jesus é herdeira direta da *City March*, realizada em Londres em 1987, em resposta às diferentes formas de manifestação a que os grupos descontentes com o governo Thatcher, especialmente os de juventude, herdeiros da “contracultura” estavam vinculados.[...] no Brasil a “Marcha para Jesus” passa a ser realizada em 1993 através de esforços da Igreja Renascer em Cristo, que busca uma maior visibilidade aos “evangélicos” no país (SANT’ANA, 2014, p. 214).

O método da pesquisadora não seria histórico, uma vez que sua proposta pretendeu perscrutar a musicalidade da marcha, não considerando a especificidade do elemento autóctone e o contexto nacional anterior à década de 1990. Além disso, prefere reproduzir a ênfase no estrangeirismo *City March* como precursora da Marcha para Jesus, comparando-as em suas distinções políticas e geográficas. Certamente se fará algo aproximado nessa pesquisa contudo, a perspectiva, a abordagem e o método se diferenciarão, sobretudo ao considerar a História Cultural em sua leitura multidisciplinar na construção do objeto. Aliás, Peter Burke (1937) ao abordar a virada historiográfica para as representações e o imaginário, pontuou, citando Foucault que essa guinada fora uma resposta a uma concepção empobrecida do real “que não deixava lugar para o que é imaginado” (BURKE, 2005, p. 84). Logo, as fontes serão consideradas com a devida importância, mas a abordagem e a orientação teórica também.

Dito isso, a questão principal da pesquisa poderia ser apresentada da seguinte forma: haveria alguma relação entre o imaginário e a demonstração da fé na ocupação dos espaços públicos pela AD? Entende-se hipoteticamente que tais manifestações

públicas da fé estariam profundamente assentadas no imaginário religioso da conquista e da batalha, sobretudo cativas das imagens bíblicas da conquista da terra prometida, ou de Canaã, além disso, essas manifestações públicas poderiam ser tomadas como antecessoras de um evento reconhecido como Marcha para Jesus.

## **A PERCEPÇÃO DO IMAGINÁRIO NO CONJUNTO DA OBRA.**

Um dos principais ramos da Assembleia de Deus no Brasil publicou recentemente, mais precisamente no ano de 2017, sua primeira declaração de fé organizada pelo hebraísta uspiano e pastor da AD, Ezequias Soares da Silva. O documento apresenta inicialmente os dezesseis pontos de seu credo seguido do desenvolvimento de suas declarações de fé. Tanto o primeiro ponto quanto o primeiro capítulo trazem a afirmação da importância da Bíblia por onde se verifica que:

Nossa declaração de fé é esta: cremos, professamos e ensinamos que a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus, única revelação escrita de Deus dada pelo Espírito Santo, escrita para a humanidade e que o Senhor Jesus Cristo chamou as Escrituras Sagradas de a “Palavra de Deus”; que os livros da Bíblia foram produzidos sob inspiração divina: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil” (2 Tm 3.16 – ARA). Isso significa que toda a Escritura foi respirada ou soprada por Deus, o que a distingue de qualquer outra literatura, manifestando, assim, o seu caráter *sui generis* (SILVA, 2017, p.25).

A publicação tardia de seu símbolo de fé aparentemente não invalidaria a estima que nutriam pela Bíblia cuja justificativa parece ser uma apreciação negativa dos símbolos de fé como uma ameaça aos livros canônicos. Os debates sobre a possibilidade de publicação de um símbolo de fé se verificaram entre as décadas de 1960-1970, segundo Silva (2017):

As reuniões convencionais debateram se as Assembleias de Deus deveriam ter um credo. Os contrários diziam que isso era coisa de católicos e de protestantes tradicionais, uma vez que a Bíblia é o nosso credo. Outros defendiam a elaboração de um documento dessa natureza (SILVA, 2017, p. 18).

Os significados disso é que em tese haveria uma supervalorização da Bíblia cuja autoridade normativa não deveria ser ameaçada pelos símbolos de fé. Sedo assim, tem-

se aqui uma obra tomada pelo grupo como normativa, cujas narrativas são privilegiadas e por vezes tomadas em uma leitura literalista, mesmo considerando as apropriações e ressignificações dadas ao texto em razão da valorização da experiência no pentecostalismo (MESQUIATI *et al.* 2017, p. 9). Sendo assim, o que se verificaria é que na experiência pentecostal haveria “uma valorização da leitura da Bíblia e isso tem sido construído socialmente nas comunidades a partir do momento da própria conversão dos fiéis, tornando-se em hábitos consolidados (MESQUIATI *et al.* 2017, p. 10).

Dito isso, toma-se a própria Bíblia como principal obra apreciada pelo grupo, possibilitando na esteira de Wunenburger (2007, p. 7) “falar do imaginário de um indivíduo, mas também de um povo, expresso no conjunto de suas obras e crenças”. Assume-se, portanto, o conjunto de algumas obras vinculadas ao grupo, iniciando com a Bíblia, depois, seu hinário oficial, a Harpa Cristã, mas, sobretudo, o periódico Mensageiro da Paz, veículo que possibilitou a problemática posta na pesquisa.

## **A NARRATIVA BÍBLICA A MUSICALIDADE E O IMAGINÁRIO DA CONQUISTA**

A narrativa fundacional mais significativa do antigo Israel remonta à libertação ou saída do Egito conhecida como o Êxodo, seria uma das memórias mais visitadas no conjunto literário que compõe a Bíblia. Aqui, não interessa a discussão entre os ditos, minimalistas e aqueles que tomam a narrativa do Êxodo como um evento real entre os séculos XIII – XV, mas o conteúdo da narrativa. Segundo o livro canônico do Êxodo, o ponto inicial seria a páscoa passando por um período de transição no deserto até seu desdobramento final na conquista da Terra Prometida.

Esse último ponto seria o desfecho da promessa divina celebrada nas seguintes palavras; “Prometi tirá-los da opressão do Egito para a terra dos cananeus, dos hititas, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus, terra onde manam leite e mel” (Êx 3.17). Não obstante, a palavra empenhada pela divindade, a posse da terra dependeria também de sua conquista, algo que demandaria o enfrentamento dos povos que ali habitavam. Um dos relatos mais emblemáticos é aquele sobre a conquista da cidade de Jericó onde:

No sétimo dia, levantaram-se ao romper da manhã e marcharam da mesma maneira sete vezes ao redor da cidade; foi apenas nesse dia que rodearam a cidade sete vezes. Na sétima vez, quando os sacerdotes deram o toque de trombeta, Josué ordenou ao povo: "Gritem! O Senhor lhes entregou a cidade! (NVI, Josué 6. 15-16).

A conquista da cidade do ponto de vista narrativo representaria o início daqueles tempos venturosos mas, também, parece alimentar um imaginário recorrente e que perpassa temporalidades se alocando no próprio seio da AD em suas práticas de leitura e interpretação do texto bíblico. Mas isso não é tudo, esse imaginário pode ser encontrado inclusive em suas produções musicais. Em 1973 o cantor assembleiano Ozeias de Paula lança seu LP “Cem Ovelhas” em cujo lado B se encontra a música “Soldado de Cristo”. Os versos da música são uma ode à conquista da cidade bíblica, tratando-se de uma adaptação da famosa música em inglês interpretada por importantes artistas como Elvis Presley e Mahalia Jackson. Um trecho da música na versão em português pode ser apresentado da seguinte forma;

Vem com Josué lutar em Jericó,  
 Jericó, Jericó  
 Vem com Josué lutar em Jericó  
 E as muralhas ruirão.  
 Suba os montes devagar.  
 Teu Senhor vai guerrear.  
 Cerquem os muros para mim,  
 Jericó chegou ao fim.  
 As trombetas soarão  
 Abalando o céu e o chão.  
 Cerquem os muros para mim,  
 Pois Jericó chegou ao fim (PAULA, 1973, Lado B, Música 4).

O testemunho de sua popularidade consiste em que a música fora regravaada por diversos artistas e bandas evangélicas, no entanto, o fator mais importante aqui seria sua referência imediata à narrativa bíblica de conquista da cidade impenitente. Essa narrativa da conquista encontraria um suporte muito importante por meio do hinário oficial, a Harpa Cristã, cuja utilização pelo grupo adquire sentido privilegiado. Sousa Junior (2011) ao se debruçar sobre o hinário da AD defendeu a hipótese de que a Harpa Cristã desempenhou um papel preponderante no avanço do pentecostalismo até a década de 1970, principalmente em razão das mensagens e da métrica musical presente no hinário, sobretudo “no que tange à sua literatura, fortemente embebecida num sentimento proselitista” (SOUSA JUNIOR, 2011, p. 15).

Seria nessa esteira que se verificaria facilmente no hinário a presença das narrativas da conquista. Tem-se, portanto, uma multiplicação dos exemplos como; “sou um soldado de Jesus” (n. 418) e, “por Jesus vamos pelejar” (n. 108), ou, “Soldados somos de Jesus, e campeões do bem, da luz; nos exércitos de Deus, batalhamos pelos céus” (n. 305). Dessa forma, o convite à marcha se avoluma no hinário porquanto haveria um chamamento divino, uma vez que

Um pendão real vos entregou o Rei a vós, soldados Seus;  
corajosos, pois, em tudo o defendei, marchando para os céus.  
Com valor! Sem temor! Por Cristo prontos a sofrer!  
Bem alto erguei o seu pendão, firmes sempre, até morrer  
Eis formados já os negros batalhões do grande usurpador!  
Declarei-vos, hoje, bravos campeões; avante sem temor. (HARPA  
CRISTÃ. Um pendão Real. Hino n. 46).

Os exemplos são muitos, algo importante a se considerar tendo em vista que a musicalidade do grupo durante muito tempo será orientada pelo hinário oficial e isso ainda se percebe nos cultos celebrados pela AD hoje, mesmo que timidamente na tentativa de manutenção de “uma identidade litúrgica” (LOPES, 2017, p. 141-142). Uma coisa é certa, sob o recorte dessa pesquisa, seria válido o que afirmou o teólogo assembleiano Claudionor Correa de Andrade em seu Manual da Harpa Cristã, “Cantando também se evangeliza. Cantando também se promove o avivamento”(ANDRADE, 1999, p. 16), ou como pontuou Sousa Junior (2011, p. 200) lembrando a música de Geraldo Vandré, seguem “Caminhando e Cantando e Fazendo a Missão”.

Interessante seria a constatação no periódico Mensageiro da Paz da valorização da música nos eventos públicos da AD, sobretudo a referência à banda de música. Ela está presente dentro e fora do templo, nas praças e ruas, em desfile pelas principais vias da cidade e não raras vezes junto às águas batismais, mas isso será abordado com mais atenção no próximo parágrafo.

## **O MENSAGEIRO DA PAZ, O IMAGINÁRIO RELIGIOSO E A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.**

Como visto, o conjunto da obra de um grupo poderia revelar suas crenças ou seu imaginário, contudo, o que se pretende a partir daqui é aproximar certas práticas

verificadas no seio da AD a determinado imaginário, ambos percebidos no periódico em apreço. Nos parágrafos anteriores, procurou-se demonstrar a presença do imaginário da conquista da terra da promessa e da cidade no principal texto apreciado pelo grupo, mas também em suas composições musicais, agora, o desafio será apresentar a presença desse mesmo imaginário em outra importante fonte, o periódico Mensageiro da Paz.

Sob o recorte adotado é possível verificar a regularidade em que algumas representações aparecem no MP<sup>139</sup>. São textos e imagens distribuídas basicamente em todos os exemplares. Nelas, as ADS estão sempre em “marcha”, inaugurando templos, em festa e realizando batismos. Haveria um sentido teleológico que nortearia a política editorial pois muito embora inúmeros desafios sejam apresentados, estes são sempre superados dando o tom otimista da narrativa. Essas representações da marcha e da conquista formam uma trama narrativa intratextual articulada no conjunto da obra. Entretanto, o que mais interessa à pesquisa foi a constatação de que tais representações dão a entender certas práticas as quais parecem ser conduzidas pelo imaginário religioso veiculado nos principais textos do grupo.

Nesse ponto, o periódico possui uma função, a publicidade e a informação sobre a marcha da AD em todo território nacional. Ela se movimenta, não se prende a seus templos, pelo contrário, toma os espaços públicos, faz questão de chamar a atenção desfilando pelas principais vias das cidades com o acompanhamento de muita música, espaço em que a banda de música ganha lugar privilegiado. O primeiro exemplo em progressão seguindo o recorte da pesquisa ocorreu no final do ano de 1969 e publicado em janeiro de 1970 no MP.

A publicação faz referência à 30ª Convenção Estadual de Obreiros realizada em Fortaleza. Na ocasião o MP faz questão de cobrir todo o evento. Agregam-se um conjunto de celebrações, entre elas as comemorações pelos 40 anos de implantação da igreja e o 2º Congresso de Jovens. Uma imagem é reproduzida no meio da marcha – no jargão jornalístico é o centro da página – nela, uma multidão está representada em desfile. Seria o início do cerimonial cívico onde um conjunto de representações são encadeadas. Como uma grande encenação, cada ato parece ser pensado em termos de progressão culminando no domingo, coincidentemente – ou não – dia das festividades na AD e o Sete de Setembro, dia das comemorações da Independência do Brasil. O relato que se segue diz que:

---

<sup>139</sup>Para dar agilidade ao texto, o Periódico Mensageiro da Paz poderá ser representado sob a sigla MP.

Às 15 horas de domingo, dia 7, iniciou-se o gigantesco desfile, do qual tomaram parte cerca de 6.000 pessoas. O desfile foi encabeçado por um carro de bombeiros conduzindo uma jovem com uma grande Bíblia aberta nas mãos. Seguia-se o pavilhão nacional, a bandeira do congresso e mais 26 jovens portando as bandeiras do Estados e territórios. A seguir, vinham os bombeiros portando suas Bíblias, a mocidade, a banda de música, o coral da mocidade e integrantes de 46 congregações os quais conduziam faixas alusivas à 30ª Convenção e ao II Congresso da Mocidade (MENSAGEIRO DA PAZ, nº 1, janeiro de 1970, p. 5).

O exemplo acima seria especialmente importante, uma vez que linguagem religiosa e símbolos nacionais estão imiscuídos na ação que sugere uma parada militar assenhorando-se dos espaços públicos em dia de feriado nacional. Seguem outros exemplos. A primeira página do MP de março de 1970 traz no olho da página a seguinte declaração, “Ceará: Assembleia de Deus em Tianguá em festa espiritual”, o relato informa que:

Obreiros e centenas de irmãos deslocaram-se de vários lugares do Estado, inclusive ônibus lotados, procedentes de Mocambo, Viçosa e Fortaleza, este último trazendo uma banda de música que muito abrilhantou as reuniões festivas. O ponto alto do programa comemorativo compreendeu o desfile nas ruas, culto na praça principal, estudos bíblicos, batismo e o culto à noite. A população da cidade de Tianguá contemplou mais um panorama de rara beleza e sublime inspiração que foi o desfile do povo de Deus levando a mensagem de salvação à praça pública (MENSAGEIRO DA PAZ, maio de 1970, nº 10, p. 1).

Nestas declarações, fica evidente a articulação do grupo com a finalidade de dar visibilidade à sua atuação evangelística, algo que extrapola os ambientes privados na ocupação dos espaços públicos nas ruas e praças. Não basta apenas reunir nesses espaços, é preciso se fazer ouvir, a prédica e a musicalidade cumprem esse papel. No mesmo exemplar uma nota curiosa escrita pelo poeta Joanyr de Oliveira (1933-2009), tratava-se da cerimônia de inauguração de um templo da AD em Santa Helena de Goiás. O relato de Joanyr informa que na madrugada do dia da cerimônia, a banda de música se movimentou pela cidade em “alvorada”, ou seja, em culto noturno, na sequência o batismo e “Grande concentração verificou-se às 17:40 horas na Praça da Prefeitura” (OLIVEIRA, 1970, p. 5), lembrando assim, o imaginário escatológico no profeta Joel, na urgência imperativa “Toquem a trombeta em Sião; dêem o alarme no meu santo monte.

Tremam todos os habitantes do país, pois o dia do Senhor está chegando. Está próximo!” (NVI, Joel, 2.1)

Uma publicação assinada por Pedro Alexandrino em abril de 1972 novamente descreve as ações da AD no dia 7 de setembro do ano anterior. Há imagem com jovens marchando, portando bandeiras e seguidas da banda de música. O ritual é seguido como nos exemplos anteriores, cujo desfecho é agora no coreto da cidade. As ruas são tomadas pois “grandioso desfile foi iniciado às 13:00 horas pelas principais ruas da cidade com a cooperação dos músicos de Piracicaba e Limeira” (MP, abril de 1972, nº 7, p. 6). No mesmo exemplar, seguem as notícias do jubileu de ouro da igreja em São Luiz do Maranhão, cuja parte final do evento é descrito como uma “apoteose” pois:

Neste dia teve lugar o encerramento da grande festa: escola dominical em todas as congregações da igreja pela manhã. À tarde, um gigantesco desfile de mais de 2.000 pessoas, concentração na praça Deodoro, onde os pastores Túlio de Barros Ferreira e Dr. Luiz Bezerra da Costa pregaram a palavra de Deus (ALEXANDRINO, 1972, p. 6).

No natal de 1974 o MP registra as festividades de comemoração pelo aniversário de 56 anos de fundação da AD em Recife e novamente a prática se verifica. O autor da publicação identificado como José Severino de Oliveira escreve que após a cerimônia de batismo seguem para o centro da cidade com a culminância do evento onde “era simplesmente glorioso verificar a enorme multidão que convergia de todos os bairros da capital [...] para o centro da Avenida Dantas Barreto a fim de celebrar o nosso Deus e glorificar o seu nome” (OLIVEIRA, 1974, p.5).

Um outro exemplar, agora em 1977, apresenta informação assinada por Josué de Campos e preenche praticamente toda mancha com imagens dos desfiles com destaque para dois tipos de bandas, a tradicional e uma composta por crianças. Na ocasião celebram a inauguração de outro templo em São Bernardo do Campo, as legendas das imagens são especialmente importantes com ênfase para a banda mirim que “com galhardia se destaca na vanguarda do povo que marcha jubiloso” (CAMPOS, 1977, p. 5), em outra imagem moças ostentam bandeiras e faixas e na legenda a frase presente em suas faixas, “bendita a nação na qual o livro de Deus pode abrigar-se à sombra de seu pavilhão”. Ainda em 1957, Benedito Gomes Rodrigues registra a inauguração do templo da AD em Anápolis, Goiás. Desta vez a cifra seria de cinco mil pessoas em desfile pela cidade goiana. Portam bandeiras e se fazem acompanhar de

várias bandas de música, as locais e outra da cidade de Goianésia (RODRIGUES, 1977, p.11).

Por fim, em razão dos limites deste trabalho, apresenta-se aqui um último número, o MP nº 1107 de 1979 encerrando o recorte de uma década. A exploração do periódico possibilitou encerrar ao mesmo tempo o recorte adotado e verificar a hipótese aqui apresentada qual seja: as manifestações públicas da fé estariam profundamente assentadas no imaginário religioso da conquista e da batalha, sobretudo cativas das imagens bíblicas da conquista da terra prometida, ou de Canaã, além disso, essas manifestações públicas poderiam ser tomadas como antecessoras de um evento reconhecido como Marcha para Jesus. O título no olho da página é singular, “Marcha contra o pecado em Niterói” e vem assinado por Paulo Cesar Lima da Silva. Aqui, seria necessário apresentar parte do texto informativo onde se verifica que:

O centro evangelístico em Icaraí, Niterói, RJ, dirigido pelo pastor Elienai Cabral, realizou programação especial no dia 14 de abril. Pela manhã os irmãos se reuniram para ouvir e meditar na Palavra de Deus. À tarde foi realizada grande passeata pela praia de Icaraí, quando cerca de 400 evangélicos conduziram faixas e cartazes combatendo o pecado e dizendo que Jesus salva, cura, liberta, dá paz e é a solução para os problemas do homem. A marcha para Jesus atraiu a atenção de todo o bairro e terminou na praça Getúlio Vargas com culto ao ar livre (SILVA, 1979, p. 5).

Na imagem abaixo do texto na mancha da página estão representadas a multidão portando faixas e cartazes com dizeres bíblicos. A legenda traz a informação que ao marcharem cantavam. O registro no periódico seria emblemático, uma vez que todo o conjunto da obra se articula na ação do grupo quando da ocupação dos espaços públicos, a narrativa bíblica, a musicalidade e a veiculação por meio do periódico. A trama estaria dada naquilo que deliberadamente chamaram em 14 de abril de 1979 como “Marcha para Jesus”. Tudo isso seria resultado de um processo relativamente longo onde o imaginário presente no conjunto da obra, principalmente as imagens bíblicas da conquista da terra e da cidade impenitente, perpassam outros textos, a música, o próprio periódico e mesmo as faixas e cartazes utilizadas na marcha cujos dizeres evocam a conquista da cidade e dos pecadores para Cristo, afinal, como registrou o próprio periódico, tratava-se de uma “Marcha contra o Pecado em Niterói”, o objetivo está claro, o lugar da ação também.

## CONCLUSÕES

Portanto, em relação aos limites deste trabalho, por ora entende-se que essas inferências bastam para os fins da pesquisa. Dessa forma, diante do desafio posto, a hipótese se sustentou, uma vez que se verificou que as representações no periódico remetem a certas práticas, estas, em grande medida nutridas pelo imaginário presente no conjunto da obra, mesmo na musicalidade do grupo e expressa em outros textos e suportes.

Constatou-se que as manifestações públicas da fé estariam profundamente assentadas no imaginário religioso da conquista e da batalha, sobretudo cativas das imagens bíblicas da conquista da terra prometida ou de Canaã, além disso, essas manifestações públicas poderiam ser tomadas como antecessoras de um evento reconhecido como Marcha para Jesus recuando temporalmente e contrariando as datas fixadas da criação do evento tanto no contexto internacional no final da década de 1980 quanto sob o cenário brasileiro em 1993. Talvez o evento institucionalizado possa estar preso às datas ora fixadas, entretanto, o que mais importa à pesquisa são as representações e as práticas, essas, por sua vez, alimentadas pelo imaginário.

Dessa forma, as articulações da AD na demonstração pública da fé ou ocupação dos espaços públicos percebe-se como prática de longa duração, sugerindo, inclusive, digressões pois sob o recorte da pesquisa tais práticas sugerem já estar maduras logo no início da década de 1970. Além disso, tem-se o registro documental de que o evento organizado em 14 de abril de 1979 na liderança do Pr. Elienai Cabral, intitulado de “Marcha para Jesus”, antecede e muito os supostos marcos do evento, tanto nos contextos internacionais quanto no brasileiro. Interessante foi a constatação de certa diminuição das representações no periódico no final da década de 1970, se nos anos anteriores elas se multiplicam, tornando difícil o inventário de todas elas, no final da década se mostram mais rarefeitas. Pode ser resultado da política editorial do MP, mas que aparentemente não justificaria o arrefecimento da prática. Isso poderá ser abordado em pesquisa posterior.

### ABSTRACT

The purpose of this article would be to address certain practices perceived with in the Evangelical Assembly of God Church during the 1970s, especially related to the presence and occupation of public spaces such as streets and squares. Such occupations

would have striking features such as; mass meetings in front of the temples, religious civic parades that roamed the public streets to the site of the baptism ceremonies and the inauguration of the temples. In addition, there are other indicative representations of the enjoyment of the religious imagination as a back drop of the sections and practices. The historical research here envisaged makes it possible to understand part of some apparently recent religious practices in the occupation of public spaces such as the so called March for Jesus, whose phenomenon would find deep roots in the religious imaginary verified both in terms of temporal digression and approximation with the present. It is claimed, therefore, that the phenomenon of the March for Jesus as a public demonstration of faith finds an approximate and earlier expression within the Assembly of God and fueled by the imaginary, something possible even before the time frame adopted here.

**Keywords:** Assembly of God; Imaginary; Practice; March for Jesus.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRINO, Pedro. 9º aniversário em Iracemápolis. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, nº 7, p. 6, abr, 1972.
- BÍBLIA SAGRADA. Português. Versão Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana, 1994.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* São Paulo: Jorge Zahar, 2005.
- CAMPOS, Josué. Novo templo em Rudge Ramos – São Bernardo do Campo – SP. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, nº 1, p.5, jan,1977.
- CEARÁ: Assembleia de Deus em Tianguá em festa espiritual. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, nº 10, p. 1, maio, 1970.
- CHAMAS Pentecostais sobre Fortaleza. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, nº1, p. 5, jan, 1970.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HARPA CRISTÃ. Cifrada. Rio de Janeiro: CPAD, 2.ed. 2008.
- LOPES, Alexssander da Silva. *Assembleia de Deus e sua música*. Tear Online. São Leopoldo, v. 6 n. 2, p. 138-50, jul-dez, 2017.
- OLIVEIRA, Joanyr de. *Novo Templo em Santa Helena de Goiás*. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, nº 10, p. 5, maio, 1970.
- OLIVEIRA, José Severino de. Comemorações do 56º aniversário de fundação do trabalho da Assembleia de Deus em Recife – PE. Escola Bíblica. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, nº12, p. 5, dezembro,1974.
- OLIVEIRA, Davi Mesquiati de. et al. A leitura da Bíblia no pentecostalismo a partir da estética da recepção. *Revista Unitas*. v. 5, n. 1, 2017, p. 1-12.
- PAULA, Ozeias Moura de. *Cem Ovelhas*. São Paulo: Gravadora Estrela da Manhã, 1973. LP, 120m.

- RODRIGUES, Benedito Gomes. Anápolis inaugura templo e hospeda Convenção. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, nº 11, p. 11, set,1977.
- SANT'ANA, Raquel. O som da marcha: evangélicos e espaço público na marcha para Jesus. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 210-31, 2014.
- SOUSA JUNIOR, M. R. Cantai e multiplicai-vos: estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da missão do pentecostalismo no Brasil (1910-1970). Dissertação (Ciência da Religião). São Paulo: UMESP, 2011.
- SILVA, Ezequias Soares da (org.). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- SILVA, Paulo Cesar Lima da. Marcha contra o pecado em Niterói. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro: CPAD, n. 1107, p. 5. jul, 1979.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.